

31-SC - A AIDS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE

Baricca, A.M.

A atuação em unidade hospitalar tem nos permitido acompanhar crianças infectadas pelo HIV que chegaram à adolescência, etapa essa do desenvolvimento humano caracterizada por um período de turbulência e antagonismo.

Passamos, então, a pensar como é para esses jovens, que além dos conflitos decorrentes da faixa etária em que se encontram, conviver com o HIV, com o risco de vida que ainda envolve tal infecção e se isso afeta e como o seu processo de formação de identidade.

Participam deste estudo, jovens a partir dos 12 anos de idade, contaminados pelo HIV, durante a infância, que já tomaram conhecimento de seu diagnóstico clínico.

Como técnica de investigação utilizamos de entrevistas, individuais, semidirigidas, focando: época do conhecimento do diagnóstico para o HIV e as reações frente ao mesmo; relações familiares, afetivas e sociais antes e após o diagnóstico; relação com o tratamento e projetos futuros.

Os dados obtidos serão trabalhados qualitativamente, buscando-se a compreensão e não a explicação do fenômeno a ser estudado.

Em estudo piloto realizado com um jovem de 14 anos, ele nos fala a respeito de sentimentos de inferioridade quando tomou conhecimento do HIV (*"eu me achava inferior às pessoas"*); do temor de morrer muito jovem e de ser rejeitado ou viver algum preconceito em função de seu diagnóstico (*"meus amigos não tinham capacidade de compreender uma coisa assim"*); de sua relação com o tratamento (*"uma semana que seja ficar sem [medicamentos]... para ver o que mudou e o que não mudou"*) e, ainda, dos limites impostos pela doença (*"às vezes sair com os amigos, fazer umas coisas assim [beber], não tem problema, só que mesmo assim eu não posso, isso às vezes atrapalha"*).

Observamos que elementos excitantes para os jovens, como testar limites, desafios, estão presentes nesse discurso.

Testa-se os limites internos e externos; porém a realidade da AIDS é mais forte e o que é mais temido vem à tona, que é o medo de morrer muito jovem.

Diante dos conflitos e frente à incapacidade de ação, há um esforço para mostrar que "está tudo bem" e o pensamento egocêntrico e onipotente, típico dessa etapa do desenvolvimento, prevalece defendendo-o das angústias.

Assim, é possível perceber que, além das exigências sócio-culturais impostas aos jovens de um modo geral, no caso do adolescente com AIDS, impõe-se também a "realidade real" da impotência frente aos limites gerados pela doença – *"se eu tenho vou ter que agüentar isso daí"*.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Botazzo

Área de Concentração: Saúde Coletiva, nível doutorado